

Comentário do Gestor

O mês de março foi marcado pelas tensões pré-anúncio das tarifas de Trump, que tiveram seu conteúdo guardado a sete chaves, sem vazamentos. O anúncio expôs tarifas de 10% a 50%, calculadas de uma forma heterodoxa, em função do déficit da balança comercial e do volume exportado referente a cada país, revelando-se mais firmes que as expectativas do mercado. Após o anúncio, ativos americanos experimentaram queda vertiginosa, enquanto os ativos brasileiros acabaram por se comportar bem, com a leitura de que, no relativo, o Brasil se beneficia ao estar sujeito à alíquota mínima - de 10%. Em consequência direta do cenário tarifário, as treasuries registraram um fechamento relevante, e as bolsas globais amargaram perdas acentuadas não vistas há tempos. A reação refletiu preocupações renovadas sobre uma intensa desaceleração na economia americana, evidenciadas pela queda dos índices de confiança, fenômeno já observado em fevereiro.

A curva americana de juros empinou durante março refletindo diretamente esse quadro de apreensão, com o vencimento de dois anos fechando 11 pontos-base (pb), a 3,88%, precificando cortes adicionais em 2025, enquanto o de dez anos manteve-se estável a 4,21%. O mercado de renda-fixa no geral apresentou resultado negativo, respeitando o sell-off em todas as categorias. O CDS brasileiro (considerado “risco país”) registrou abertura comedida, de 6 bps, para 186 pb, e o spread dos títulos americanos de alto rendimento (US High Yield), em movimento exacerbado, abriu de 309 pb para 376 pb. No câmbio, o DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra o dólar americano) perdeu 3,3% no mês, refletindo principalmente o fortalecimento do Euro, que subiu 4,3%. Nos mercados acionários, a aversão a risco se materializou em quedas expressivas das bolsas americanas, particularmente o Nasdaq, que recuou 8,2%, pela percepção de elevados valuations das ações de tecnologia, enquanto o S&P 500 terminou em baixa de 5,8%. Em sintonia com o clima de instabilidade, o índice de volatilidade do S&P 500 (VIX) subiu de 19,63 para 22,28 pontos em março. Já o mercado brasileiro foi bastante resiliente no período, conseguindo se descolar desse ambiente externo desfavorável, aproveitando-se de suas vantagens relativas e encerrando o mês com o Ibovespa em alta de 6,1% e o Real apreciando 3,0%.

Nos Estados Unidos, os temores de recessão se ampliam, ainda mais após o anúncio das tarifas, que vieram acima do esperado, e a recente queda dos índices de confiança. A projeção do PIB para o primeiro trimestre de 2025, conduzida pelo Fed de Atlanta, através do indicador *GDPNow*, se encontra em níveis abaixo de -2,5% t/t anualizado, após a virada



repentina de uma alta superior a 2% t/t anualizado no início de fevereiro. Os indicadores de confiança, também em linha com movimento de fevereiro, continuam em queda, como o *Conference Board*, que registrou 92,9 pts, ante consenso de 94,0 pts e leitura do mês anterior de 100,1 pts. O índice de sentimento da Universidade de Michigan também desacelerou, a 57,0 pts, frente 57,9 pts de consenso e 64,7 pts do mês anterior, e o ISM Manufacturing a 49,0 pts (consenso de 49,5 pts e leitura anterior de 50,3 pts).

No *front* inflacionário, o PCE, índice de preços preferido do Fed, ficou em 2,5% a/a em fevereiro, em linha com consenso e mês anterior, e núcleo em 2,8% a/a, ante 2,7% a/a do mês anterior e esperado pelo mercado. O mercado de trabalho mostrou força na última leitura, com criação de 228 mil vagas, ante consenso de 140 mil. Apesar disso, taxa de desemprego se elevou, a 4,2%, por maior procura por emprego da população americana, aumentando a taxa de participação, que ainda está abaixo do nível pré-pandemia (62,5% atual contra 63,3% do pré-pandemia). Em sua decisão de política monetária, em que manteve os juros, em linha com consenso, o FOMC pontuou o aumento de incertezas, e atualizou suas projeções ao subir o PCE de 2025 de 2,5% para 2,8%, e diminuir as de crescimento de 2025 até 2027. O consenso de mercado aponta para redução da atividade a tal ponto que, caso Trump mantenha as tarifas, será necessário um corte de juros maior que o precificado atualmente, por isso tamanha volatilidade nas treasuries.

Um dos potenciais vencedores dessa política tarifária parece ser o continente europeu e sua chance de retomar protagonismo, ratificado pela performance positiva do Euro e das bolsas locais. O pacote fiscal do Governo alemão, para gastos em infraestrutura e defesa, tem relevância financeira para incentivar atividade na região e pode desencadear uma espiral positiva na região. Do lado político, as tensões se acalmaram, e o apoio de Trump e Musk ao AfD acabaram provocando um sentimento de união entre os políticos alemães, que excluíram o segundo partido mais votado do Governo.

A China, apontada como principal prejudicada, ainda não se rendeu, nem se prontificou a negociar as tarifas com Governo americano e parece não ter pressa, ainda mais acompanhando ao derretimento dos mercados acionários americanos. Além disso, a China, até por não ser uma democracia, tem uma perspectiva de mais longo prazo e não se move por impulsos, evidenciado por uma fala recente do porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Lin Jian: “Se os EUA insistirem em travar uma guerra tarifária, comercial ou qualquer outro tipo de guerra, a China lutará até o fim”. Os índices de inflação chineses estão em deflação,



o que suportaria uma expansão monetária por parte do PBoC, com Governo mantendo meta de crescimento para 2025 em 5%. Como consequência da guerra tarifária, a China deve exportar menos para os americanos e deve rearranjar seu excedente para outros parceiros comerciais, o que pode provocar deflação nos bens comercializáveis (*tradables*).

No Brasil, a queda de avaliação do Governo Lula, por vários institutos de pesquisa, levou o mercado a duas conclusões: mais medidas heterodoxas/populistas a caminho e maiores chances de vitória da oposição em 2026. As medidas populistas - Pé-de-meia, Vale-gás, Farmácia Popular e crédito consignado para CLTs - já estão sendo colocadas em prática. A isenção de IR até R\$ 5 mil por mês, ainda em fase de negociações com o Congresso, deve ter mais dificuldades, até pelo potencial de elevar a popularidade do Lula e potencialmente prejudicar o candidato da oposição, que deve ter apoio da maioria do Congresso, mais inclinado para centro-direita.

Em termos de atividade econômica local, produção industrial e vendas no varejo mostram leituras abaixo do consenso de mercado, evidenciando a potência do atual nível de juros. O IBC-Br, em contraposição, registrou 3,58% a/a em janeiro, bem acima do consenso de 2,35% a/a e 2,60% a/a do mês anterior, puxado pelo varejo e setor agro. No fiscal, os números vieram acima das expectativas mais uma vez e mostram que, apesar da figura atual ser feia, a direção parece ser positiva. Em relação aos juros, a inflação continua rondando em níveis próximos a 5% a/a, e o COPOM elevou os juros em 100 bps, para 14,25%, como sinalizado na reunião anterior. A decisão, por contratar alta de menor magnitude em maio, foi lida como *dovish* para quem esperava altas para maio, e *hawkish* para quem achava que, após essa última reunião, seria a última alta.



Desempenho do fundo

O fundo teve rentabilidade de 0,58% no mês, ante CDI de 0,96%. Nos últimos 12 meses, a cota do fundo valorizou 10,24%, contra um CDI de 11,26%, equivalente a 91% do CDI ou CDI - 0,92%. A volatilidade para esse mesmo período foi de 2,78%. O fundo está com sua *duration* consolidada em 5,1 anos e uma carteira de *bonds* com *yield* de 7,13% em dólares. As maiores posições do fundo são: Aegea, Brasil (soberano), Cosan, República Dominicana (soberano) e México (soberano).

Salientamos que o fundo está bem posicionado para enfrentar os desafios de curto e médio prazos e que nossa gestão continua especialmente ativa, pronta para agir caso o cenário corrente se desvie de nossas expectativas.



OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante Crédito Privado II FIC FIM IE prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu PL nas cotas do Octante Crédito Privado Master FIM IE, que tem como objetivo rendimentos superiores ao CDI no longo prazo, através de investimentos em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

| Retornos mensais | Fundo | CDI | %CDI |
|------------------|--------|--------|------|
| Desde o início | 61,91% | 51,97% | 119% |
| Últimos 12 meses | 10,72% | 11,26% | 95% |
| mar-25 | 0,67% | 0,96% | 70% |
| fev-25 | 1,57% | 0,99% | 159% |
| jan-25 | 2,09% | 1,01% | 207% |
| dez-24 | -1,06% | 0,93% | - |
| nov-24 | 0,80% | 0,79% | 101% |
| out-24 | 0,02% | 0,93% | 2% |
| set-24 | 1,68% | 0,83% | 202% |
| ago-24 | 1,85% | 0,87% | 213% |
| jul-24 | 1,51% | 0,91% | 166% |
| jun-24 | 0,36% | 0,79% | 46% |
| mai-24 | 1,60% | 0,83% | 193% |
| abr-24 | -0,16% | 0,89% | - |

| Retornos anuais | Fundo | CDI | %CDI |
|-----------------|--------|--------|-------|
| 2025 | 4,38% | 2,98% | 147% |
| 2024 | 9,29% | 10,87% | 85% |
| 2023 | 13,78% | 13,05% | 106% |
| 2022 | 14,54% | 12,37% | 118% |
| 2021 | 4,76% | 4,40% | 108% |
| 2020* | 5,54% | 0,36% | 1542% |

*desde 22/10/2020

INFORMAÇÕES GERAIS

| | |
|-------------------------------|--|
| Investimento Mínimo | R\$ 250.000,00 |
| Movimentação Mínima | R\$ 1.000,00 |
| Taxa de Administração | 1,00% ao ano |
| Taxa de Performance | 20% do que exceder 100% do CDI |
| Classificação Anbima | Multimercados Investimento no Exterior |
| Horário limite para aplicação | 14:00 horas |
| Cota do Resgate | D+28 dias corridos |
| Pagamento do Resgate | D+2 da cotação |
| Banco | Itaú Unibanco (341) |
| Agência | 8541 |
| Conta | 45546-8 |
| CNPJ | 35.727.113/0001-78 |
| Favorecido | Octante Crédito Privado FIC II FIM IE |
| Gestor | Octante Gestão de Recursos Ltda |
| Administrador | INTRAG |
| Custodiante | Banco Itaú S.A. |
| Auditor | PWC |
| ISIN | BR05L4CTF000 |

As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.

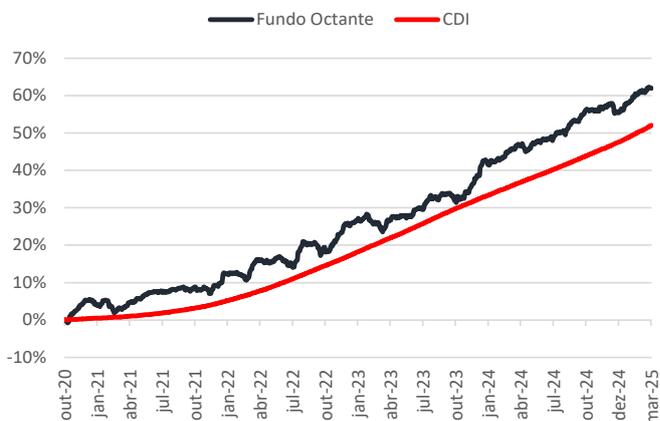
PÚBLICO ALVO

O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

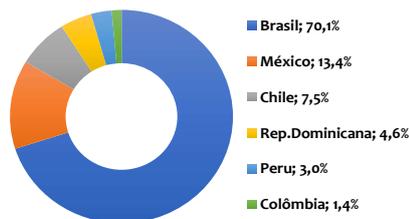
ESTATÍSTICAS DO FUNDO

| | |
|--------------------------------------|-------------|
| % de Meses de Retorno Positivo | 70,4% |
| % de Meses de Retorno Negativo | 29,6% |
| Volatilidade no Mês (Anualizada) | 2,34% |
| Volatilidade 12 Meses (Anualizada) | 2,69% |
| Índice Sharpe 12 meses | -0,20 |
| Valor da Cota em 31 de Março de 2025 | 7.122,70 |
| PL em 31 de Março de 2025 | 64.693.474 |
| PL Médio (12 meses) | 64.003.813 |
| PL do Master em 31 de Março de 2025 | 117.134.566 |
| Yield da Carteira de Bonds em USD | 7,13% |
| Duration Média Consolidada | 5,10 anos |

RENTABILIDADE HISTÓRICA



COMPOSIÇÃO POR PAÍS



Composição por país da carteira de bonds

COMPOSIÇÃO SETORIAL

